

O VASO AZUL

INICIATIVA + OPORTUNIDADE = SUCESSO

Por José Bushatsky



O Vaso Azul (*iniciativa mais oportunidade resultam em sucesso*)

Jose Bushatsky divulgou este texto após a segunda guerra mundial.

I

“O HOMEM QUE NÃO SE DEU POR VENCIDO”.

Há 40 anos apareceu um livro editado em inglês, com título semelhante a esse, focalizando um magnífico exemplo do poder da vontade e da determinação de vencer. A história tem sido admirada e imitada por milhares de pessoas, inspiradas no herói da novela, cujo lema era: “EU O FAREI!”.

Infelizmente, esse conto jamais havia sido traduzido para outros idiomas, apesar dos grandes benefícios que proporcionaria aos leitores. Por essa razão, e com a devida permissão do autor, aventuramo-nos a apresentar aos colegas um resumo daquela obra, embora estejamos longe de dar à história, o colorido vigoroso do notável autor Peter B. Kyne, pois uma simples tradução dificilmente poderá exprimir a elevada filosofia, o fino humorismo e o profundo exemplo que fizeram dela uma verdadeira obra clássica.

Alden P. Ricks, mais conhecido como “Capitão Ricks”, foi o fundador e dirigente de uma importante empresa madeireira e de navegação. Aparentemente, já se havia retirado da direção ativa do negócio; mas, na realidade, continuava sendo o seu principal orientador, recusando-se, como ele mesmo dizia, a abandonar a atividade intelectual, apesar de haver cessado a atividade física.

Os colaboradores diretos do Capitão eram Skinner, encarregado do negócio de madeiras e Matt Peasley, que dirigia a seção de navegação. Ambos eram homens competentes e em quem o Capitão depositava inteira confiança, se bem que às vezes vacilasse sobre o critério por eles adotado no julgamento de seus semelhantes...

Esses três personagens se viram a braços com um problema na sucursal da empresa, em Shangai, onde o gerente não estava correspondendo às exigências do cargo que ocupava. Por isso,

- Skinner, chamou o Capitão, será que você pode arranjar um candidato para a nossa Agência de Xangai?

- Sinto dizer-lhe que não, Sr. Ricks, respondeu, pois todos os empregados que tenho sob minhas ordens são jovens, demasiadamente jovens, para assumir essa responsabilidade.

- Que quer dizer você com “demasiadamente e jovens”? - retrucou o Capitão.

- Bem, o único homem que julgo competente para o cargo é André, que tem apenas 30 anos.

- 30 anos?... Se não me engano, comecei a pagar-lhe ordenado de \$ 10.000 dólares por ano e confiei-lhe a responsabilidade de 2dois milhões, quando você tinha apenas 28.

- É verdade, porém o André... Bem... Ainda não pusemos à prova a sua competência.

- Skinner, interrompeu o Capitão em voz ressoante, não sei por que não o mando ao diabo! Diz que ainda não pusemos à prova a competência de André? Por que, então, temos aqui pessoas que não sabemos para que serviriam? Hein? Veja! O mundo de hoje é da juventude, ouviu? Meta isso na cachola!

E, dirigindo-se ao outro administrador:

- Matt, que te parece André para o Posto de Xangai?

- Acho que serve.

- Por quê?

- Porque é competente e está há bastante tempo conosco para ter adquirido a experiência necessária.

- E acreditas que ele tenha também o valor necessário para assumir essa responsabilidade? Creio que isso é mais importante ainda do que a tal experiência que Skinner e tu considerais essencial.

- Sobre isso nada lhe poderei dizer, respondeu Matt, mas parece-me que tem energia, iniciativa e boa apresentação.

- Muito bem; antes de nomeá-lo, temos de nos convencer de suas qualidades, pois terá de usá-las quando tiver de decidir por si próprio, a 6 000 milhas de distância dos seus chefes. E isso é mais importante ainda, Skinner.

- O senhor tem razão, Senhor Ricks, devemos submetê-lo à prova.

- Ótimo! O próximo representante que mandarmos a Xangai terá de ser um lutador, que não se dê por vencido. Já tivemos três que fracassaram e desses, não queremos mais.

Com essa frase o Capitão encerrou o assunto e recostou-se na cadeira giratória, fechando os olhos.

- Tenho a impressão de que o André vai fracassar nessa prova... Disse Matt Peasley, em voz mais baixa, a Skinner, enquanto saíam do escritório do Sr. Ricks.

II

O Sr. Ricks não pôde permanecer em paz com suas reflexões, por muito tempo. Dez minutos depois, o telefone tocou. Como se alguém lhe interrompesse um tranqüilo sonho, tomou o fone e gritou:

- Quem é?

- Sr. Ricks, respondeu a telefonista dos escritórios gerais, está aqui um jovem que se chama William Peck e que deseja falar-lhe...

- Diga-lhe que entre!

Prontamente, um empregado conduziu o visitante à presença do Capitão. Ao chegar à presença do Sr. Ricks, o visitante o cumprimentou respeitosamente:

- Bom dia, Senhor Ricks; meu nome é William E. Peck. Agradeço-lhe por conceder-me uma entrevista.

Olhando-o com o semblante severo, o capitão indicou-lhe uma cadeira em frente à sua mesa de trabalho. Enquanto Peck se aproximava da cadeira, o Capitão notou que ele coxeava um pouco e que o seu braço esquerdo estava amputado até o cotovelo.

- Bem, Senhor Peck, que deseja?

- Vim aqui para trabalhar, respondeu Peck.

- Pelas barbas do profeta, vociferou Ricks, o senhor fala como se tivesse certeza de ser aceito.

- Perfeitamente, Senhor Ticks, estou seguro de que não me recusará serviço.

- Por quê?

Peck, sorrindo de uma forma que agradou ao Sr. Ricks, respondeu:

- Sou vendedor e sei que posso vender qualquer coisa que tenha algum valor. Já demonstrei isso durante cinco anos e estou resolvido a prová-lo também ao senhor.

- Peck, disse o Capitão sorrindo, disso não tenho dúvida; porém diga-me, acaso os seus defeitos físicos não são empecilhos?

- Não, Senhor Ricks, de forma alguma; o que resta do meu corpo está perfeitamente são, sobretudo minha cabeça: e ainda tenho o braço direito. Posso pensar, posso escrever e, mesmo capenga, posso ir atrás de um pedido mais depressa do que quem tem duas pernas perfeitas. Estou contratado, Senhor Ricks?

- Não, Senhor Peck. Sinto muito. O Senhor precisa saber que não tomo parte ativa na administração desta empresa, há dez anos; apenas tenho aqui um escritório para despachar minha correspondência particular e atender a assuntos pessoais. Dirija-se ao Senhor Skinner.

- Já estive com o Senhor Skinner, respondeu Peck prontamente. Mas, pelo modo como ele me atendeu, parece que não lhe interessei. Disse-me que atualmente não havia suficientes negócios nem para o pessoal já existente na firma. Respondi-lhe que estava disposto a aceitar qualquer cargo, de taquígrafo para cima. Posso escrever à máquina com bastante rapidez, apenas com a mão que me resta, fazer trabalhos de contabilidade e qualquer outro serviço de escritório.

- E ele não lhe deu esperança alguma?

- Não, Senhor.

-Então, retrucou o Capitão em tom confidencial, procure o meu genro, Capitão Peasley, que dirige os transportes marítimos da empresa.

- Também já falei com o Capitão Peasley, que me tratou com muita amabilidade. Disse-me que com todo o prazer me daria um lugar, porém que os negócios estavam tão mal que, por ora, era impossível.

- Bem, amigo, então para que veio ver-me?

Sorrindo, Peck respondeu:

- Porque quero trabalhar nesta companhia, não importa em que, contanto que seja alguma coisa que eu possa fazer. Se me derem trabalho, será feito melhor do que nunca e, se não

puder fazê-lo, renunciarei voluntariamente, para poupar ao senhor o aborrecimento de despedir-me. Tenho referências de primeira ordem.

O Capitão tocou uma campainha. Momentos depois, entrou o Sr. Skinner, lançando um olhar hostil a William Peck e outro, interrogativo, ao Sr. Ricks.

- Ouça Skinner, disse o Capitão em voz suave, estive pensando sobre o caso da ida de André para Shangai e cheguei à conclusão de que teremos de arriscar. Aquele escritório está atualmente a cargo de um empregado pouco experiente e é preciso, por isso, nomear o quanto antes outro gerente. Assim, deveremos fazer o seguinte: mandaremos André no próximo vapor, cientificando-o de que assumirá o cargo interinamente; se ele não se desempenhar satisfatoriamente na tarefa, ordenaremos o seu regresso para ocupar novamente o seu posto atual, no qual é bastante apto. Entretanto, Skinner, agradecer-lhe-ia muito se desse emprego a este jovem... Se lhe proporcionasse uma oportunidade de demonstrar o que pode fazer. Faça-me este favor, Skinner!

O Senhor Skinner bem sabia que um pedido do Capitão equivalia a uma ordem e Peck, compreendendo, olhou o administrador-geral com um sorriso amistoso.

- Muito bem, Sr. Ricks, disse Skinner com certo despeito. Já tratou com o Sr. Peck o ordenado que receberá?

- Esse detalhe é com o senhor, respondeu o Capitão, não é minha intenção imiscuir-me em suas atividades administrativas. Naturalmente, pagarás ao Sr. Peck o que valha e nada mais.

Dirigindo-se ao vitorioso Peck, advertiu-o:

-Ouça amigo, não creia que pelo fato de haver intercedido pelo senhor, já tenha o futuro assegurado. Este terá de construí-lo por si só e deve começar já a fazê-lo! À primeira falta ao trabalho, será repreendido: à segunda, será suspenso por um mês para refletir e à terceira, será despedido definitivamente dessa organização. Expliquei-lhe claramente?

- Sim, Senhor, respondeu Peck sem vacilar. Tudo que eu peço é um lugar na linha de combate e logo serei credor da estima do senhor Skinner.

Dirigindo-se a Skinner:

- Muito grato Senhor Skinner, por haver consentido em dar-me uma oportunidade; farei tudo, de minha parte, para merecer sua confiança.

- Que diabo, disse o Capitão com seus botões, esse rapaz é boa pessoa e tem miolos; não compreendo como Skinner não percebeu isso logo! Se este rapaz se afastar da rotina ou se tiver alguma idéia nova que queira colocar em prática, é quase certo que assinará a sua sentença de morte, com essa gente de cérebro fossilizado, que há por aqui.

O jovem Peck, pondo-se de pé, perguntou:

- Quando devo começar Senhor Skinner?

Skinner respondeu-lhe com certa ironia:

- Quando estiver pronto.

Peck consultou rapidamente seu relógio de pulso...

- São doze horas, acrescentou. Vou almoçar e estarei aqui à uma hora da tarde!

Skinner retirou-se mordendo os lábios. Ao fechar a porta, Peck levantou-se e, despedindo-se do Sr. Ricks disse:

- Muito obrigado, Senhor Ricks. O senhor foi extremamente amável. Parece-me, porém, que não vou começar sob bons auspícios. E, tomando o seu chapéu, saiu.

Tão logo Peck havia saído, Skinner entrou novamente. Mas, antes de abrir a boca, o Capitão levantou o dedo impondo-lhe silêncio e, em voz cordial lhe disse:

-Nem uma palavra, Skinner, pois já sei o que vai dizer-me e admito que tenha razão; porém ouve-me, filho, como era possível recusar emprego a um jovem que tanto empenho faz em trabalhar e que não aceita um “não” como palavra final? Apesar de não ter encontrado aqui senão obstáculo para atingir seu propósito, não se deu por vencido e nem desanimou. Você lutou contra ele; ele venceu e note-se que teve de fazê-lo com argúcia.

Skinner esboçou uma objeção, interrompida pelo Sr. Ricks, que prosseguiu:

- Que trabalho vai dar-lhe? O de André, naturalmente... Ah!... Havia me esquecido. Dize-me, Skinner, não temos encalhado meio milhão de pés de “abeto fétido”?

Skinner concordou e o Capitão continuou com o entusiasmo de quem acaba de fazer uma grande descoberta que, acreditava, causaria uma verdadeira revolução no mundo científico:

- Manda-o imediatamente vender essa madeira encalhada e um par de vagões de Pinho Vermelho, ou qualquer outra dessas madeiras que quase ninguém aceita, nem de graça.

Skinner sorriu maliciosamente e disse:

-De acordo. Porém, se não as vende, lhe daremos o bilhete azul, não é assim?

-Suponho que sim, tornou o Capitão, ainda que sentisse muito. Do contrário, isto é, se for bem sucedido pagar-lhe-emos o ordenado que recebe André. Devemos ser justos, Skinner, justos em tudo e com todos.

O Capitão levantou-se e, tocando no ombro do administrador-geral, disse:

-Skinner, desculpe-me se me precipito um pouco, mas advirto que, se fizeres ao “abeto” um preço demasiadamente alto para que Peck não o possa vender, eu mesmo irei fixá-lo.

III

Eram meio dia e meia e, quando o Capitão saía para almoçar, encontrou-se com Peck, que ia capengando pelo caminho. Este, prontamente, tirou um cartão do bolso, mostrando-o ao Capitão:

-Que lhe parece este cartão, Sr. Ricks? Não o acha sugestivo?

O Capitão leu:

“Companhia Madeireira Ricks Madeiras de toda a classe e para todos os usos, sem exceções. William H. Peck – Representante”.

O Capitão passou o dedo curiosamente pelas linhas impressas e notou que estavam em relevo. Sabendo que essa impressão não se faz em meia hora, perguntou:

-Ouça Peck, e responda com a verdade: quando você decidiu trabalhar conosco?

-Há uma semana.

-Acaso já vendeu “abeto fétido”?

Peck sentiu-se bastante confuso e fazendo um aceno negativo com a cabeça, perguntou:

-Que espécie de madeira é essa?

- Abeto da Califórnia, esclareceu o Capitão, é áspera, fibrosa, muito pesada, que exala um cheiro desagradável. Creio que Skinner vai dar-lhe o pior que há para começar, e isso é o diabo.

- Podem-se pregar pregos nessa maneira, Sr. Ricks?

- Claro!

-E alguém já vendeu alguma vez?

-De quando em quando, um de nossos agentes mais hábeis consegue encontrar algum tolo que compra o que lhe vendem; do contrário, não a teríamos mais. Não nos resta muita; mas, sempre que nossos lenhadores da montanha encontram uma árvore, não a deixam de pé: por isso, temos suficiente quantidade de “abeto fétido” para dar aos agentes que sabem vendê-lo.

-Posso vender qualquer coisa que valha seu preço, concluiu Peck, com ar de desafio, e continuou seu caminho para o escritório da empresa.

IV

Durante dois meses o Capitão Ricks não tornara a ver William Peck. O administrador-geral o havia mandado aos estados do Sul e do Oeste, logo que ele se inteirou de todos os detalhes do negócio: preços, pesos, tarifas, fretes, condições de venda etc., etc.

De uma cidade longínqua Peck telegrafou um pedido de alguns vagões da mencionada madeira. Na estação seguinte, conseguiu que o dono de uma serraria, a quem o Sr. Skinner, em vão, havia tentado vender durante anos, concordasse em comprar um vagão, como experiência, de tábuas de “abeto fétido”, de tamanhos e classes diferentes, por um preço mais elevado do que o fixado pelo Sr. Skinner.

No Estado do Arizona, conseguiu vários pedidos de madeira para poços de minas, porém, somente depois que chegou ao centro do Estado do Texas, é que começou a demonstrar suas habilidades de vendedor. Ali se especializou na venda de madeira para torres que guarneciam poços petrolíferos, e foi tal o bombardeio de pedidos que mandou aos escritórios centrais, que o Sr. Skinner teve de telegrafar-lhe pedindo que diminuísse um pouco a venda dessa madeira, pois o estoque se estava esgotando; e que se dedicasse a vender outras espécies.

Completado o seu itinerário, iniciou a viagem de regresso, via Los Angeles, porém, de passagem, deteve-se no Vale São Joaquim e vendeu ali mais dois vagões de “abeto fétido”. Ao receber o telegrama, o Sr. Skinner foi mostrá-lo ao Presidente:

-Não há dúvidas de que Peck pode vender madeiras, declarou Skinner ao Sr. Ricks, um tanto contrafeito. Conseguiu cinco clientes novos e acaba de mandar outro pedido de dois vagões de “abeto fétido”. Creio que terei de aumentar-lhe o ordenado no princípio do ano.

- Ouve Skinner, por que queres esperar até o princípio do ano? Esse pernicioso hábito que tens de protelar para mais tarde o que deves fazer hoje, especialmente quando se trata de largar dinheiro, nos tem custado a perda de bons empregados. Sabendo que Peck merece um aumento, por que não lho dás agora e sorrindo? Peck terá boa vontade contigo, trabalhará mais, e, além disso, considerar-te-á como um ser humano.

- Muito bem, Sr. Ricks, vou dar-lhe o mesmo ordenado que pagávamos a André, quando ocupava o lugar de Peck.

-Skinner, tu me obrigas a recordar-te quem manda nesta empresa? Peck vale mais do que André não é verdade?

-Assim parece, respondeu Skinner.

-Então, por amor à justiça, lhe paga mais e torna efetivo esse aumento a contar do primeiro dia em que começou a trabalhar. Agora, vai-te daqui, porque me pões nervoso. Um momento... Que está fazendo André em... Xangai?

-Dando dinheiro ao telégrafo, respondeu Skinner com ironia. Telegrafa três vezes por semana sobre assuntos que ele mesmo deveria decidir. Matt Peasley está desgostoso com ele.

-Isso não me surpreende... Suponho que Matt virá dizer-me dentro em pouco, que fui eu quem escolheu André para o seu lugar, porém não se esqueça de que o adverti de que era interino.

-Sim, Sr. Ricks.

-Bem, creio que terei de encontrar uma ocorrência para impedir que Matt venha culpar-me disso. Acredito que Peck tenha várias qualidades de um bom administrador para o escritório de Shangai, porém terei de experimentá-lo um pouco mais.

E com um sorriso malicioso:

-Ouve Skinner, vou pedir a Peck que me traga o vaso azul.

-Bem, informe ao Chefe de Polícia e ao proprietário da loja, para que não percam tempo.

O Capitão dirigiu-se à janela, olhando a rua, pensativo e, sorrindo, acrescentou:

-Hás de convir coligo, Skinner, que, se ele me entregar o vaso azul, valerá dez mil dólares por ano, como nosso agente em Xangai.

-Sem dúvida que sim, Senhor Ricks.

-Muito bem, Skinner, tome as providências necessárias para que Peck esteja livre no domingo, à uma hora. Encarregar-me-ei dos outros detalhes.

Skinner respondeu que assim faria e saiu, quase sem poder conter um riso de satisfação. No sábado próximo, Skinner não compareceu ao escritório; de sua casa avisaram por telefone que se achava indisposto. Seu secretário tinha instruções para avisar Peck de que o Sr. Skinner desejava falar-lhe nesse dia; porém, devido a uma indisposição repentina, não poderia vê-lo no escritório; porém que, necessitando conferenciar com ele, antes da sua viagem de segunda-feira, lhe agradeceria se fosse visitá-lo em sua casa, por volta de uma hora da tarde de domingo.

Peck respondeu que, com todo o prazer, iria visitar o Sr. Skinner à hora marcada.

Assim o fez e, no domingo, à uma hora em ponto, Peck se apresentou na casa do Gerente Geral, que encontrou de cama, mas com um aspecto bastante saudável. Depois de desejar-lhe pronto restabelecimento, entraram a palestrar sobre os novos clientes e sobre as perspectivas que o Sr. Skinner estava desejoso que Peck investigasse.

No decorrer da palestra, o Capitão Ricks telefonou. Skinner esteve ouvindo o Capitão por alguns minutos e Peck percebeu o seguinte trecho da conversa:

- Com todo o prazer atenderia os seus desejos, Sr. Ricks, se não fosse eu estar de cama e impossibilitado de sair hoje; porém o Sr. Peck está aqui e certamente poderá desempenhar esta missão.

-Com muito prazer, interrompeu Peck, e, tomando o fone se apressou em saudar o Sr. Ricks.

- Ouça Peck, disse o Presidente, desejaria confiar-lhe uma incumbência, para a qual não posso mandar um menino; mas também fico constrangido em dar-lhe esse aborrecimento.

-Não será aborrecimento algum Sr. Ricks; diga o que deseja, pois estou às suas ordens.

-Obrigado, Peck, por sua boa vontade. Trata-se do seguinte: passando hoje por uma loja na Rua Sutter, entre as ruas Stockton e Powall, vi numa vitrina um vaso azul. Sou apreciador de vasos ornamentais e, ainda que esse nada tenha de extraordinário, acontece que uma senhora, a quem voto grande estima, possui outro igual e sei que nada lhe agradaria mais, como presente de aniversário de casamento, do que um vaso como esse, para completar o par de que necessita para duas cantoneiras que tem em sua sala de jantar. Devo tomar o trem hoje, às oito da noite para chegar a tempo, amanhã, a Santa Bárbara, onde ela mora; poder felicitá-la pessoalmente e entregar-lhe o presente. Esse vaso, Peck, é o que eu quero.

-Muito bem, Sr. Ricks, compreendo que, se o senhor esperar que a loja se abra na segunda-feira, para adquirir o vaso, não chegará a tempo, pois só poderá estar em Santa Bárbara na terça-feira.

-É precisamente isso, meu caro Peck. E, Oxalá que o tivesse visto ontem para não ter de molestá-lo; sinto muito...

-Não precisa dar-me explicações, nem se desculpar, senhor Ricks. Desejo apenas que me descreva o vaso. É azul escuro ou claro?... De que tamanho, mais ou menos?...É liso ou tem figuras?

-É um vaso fechado, Peck, de um azul entre pálido e escuro, com figuras orientais de pássaros e flores. Não lhe posso dizer com exatidão o tamanho, mas parece-me que tem trinta centímetros de altura por dez de diâmetro no centro e se assenta numa base de madeira.

-Isso basta senhor Ricks, eu lhe levarei o vaso.

-Obrigado, Peck, muito obrigado. Faça-me o favor de entregá-lo cinco minutos antes das oito na estação Southern Pacific. Estarei no carro dormindo número sete, cabine quatro.

-De acordo, Senhor Ricks.

-Ouça Peck, o custo não será grande coisa, você poderá pagá-lo e amanhã receberá do Caixa de nossa empresa, dizendo-lhe que debite em minha conta.

O Capitão desligou o aparelho.

Skinner retomou a conversa com Peck, o qual não saiu de sua casa senão às três da tarde, indo imediatamente em busca do famoso vaso azul.

Chegando à Rua Sutter, caminhou por uma calçada, entre Stockton e Powell, em seguida por outra e sempre com o maior cuidado observou todas as entradas e vitrinas que havia, não tendo visto qualquer vaso azul ou de outra cor, nem loja alguma que vendesse tal classe de artigo.

Sem dúvida, o Capitão se equivocou com o nome da rua ou eu o entendi mal, disse Peck para si mesmo. Vou falar-lhe pelo telefone para que repita o endereço.

Ligou para a casa do Sr. Ricks, mas a criada lhe informou que o Capitão havia saído e não sabia para onde teria ido e nem a que horas voltaria. Então, Peck voltou à Rua Sutter e a percorreu de novo, de um e outro lado, sem melhor resultado do que na primeira vez.

Em seguida, dobrou uma das esquinas, caminhando duas quadras numa direção e duas noutra, e assim continuou percorrendo todas as ruas do bairro, sem vislumbrar em parte alguma o almejado vaso azul.

Nem por isso se deu por vencido, pois empreendeu a pesquisa em outra zona comercial; caminhou por rua e mais rua sem melhor sorte e, como último recurso, dirigiu-se a um quarteirão da Rua Post, única que não havia percorrido, onde se lembrou que existiam duas ou três pequenas lojas.

Ao chegar à última delas notou, imediatamente, num pedestal, um vaso que, na aparência, correspondia ao descrito pelo Sr. Ricks. Examinando-o de perto, convenceu-se de que aquele era realmente o vaso que procurava. Deu profundo suspiro de satisfação e tratou de abrir a porta, mas estava fechada à chave, como já havia suposto.

Bateu com força, pois poderia haver alguém dentro que pudesse abri-la, porém sem resultado. Então, levantando a vista, viu na fachada um letreiro que dizia: “LOJA DE ARTE BROWNE’S”.

Sem perder tempo, dirigiu-se ao hotel mais próximo onde, lançando mão de uma lista telefônica, começou a procurar o nome daquela loja, sem, contudo a encontrar. Da lista constavam dezenove pessoas com o nome Browne. Então, pediu no escritório do hotel uma relação dos habitantes da cidade, na qual encontrou o nome de B. Browne, mencionado como proprietário de uma loja de objetos de arte, cujo endereço coincidia com o do estabelecimento onde havia o vaso azul, mas sem constar o endereço da sua residência.

Imediatamente trocou um dólar em níqueis e, dirigindo-se de novo ao telefone, começou a chamar todas as pessoas com o sobrenome Browne, que figuravam na lista telefônica de São Francisco. O resultado foi nulo. Prosseguiu consultando as listas de vários subúrbios

onde vivem muitas pessoas que trabalham e têm seus negócios em São Francisco, e continuou chamando quantos Browne encontrava.

Chegando ao último, sem melhor êxito, já lhe corria o suor pelo pescoço. Eram seis horas. Peck voltou ao Bazar e, olhando novamente o letreiro, notou com surpresa que o sobrenome do dono não era Browne e sim “Brown”. Isso exigia que ele voltasse ao hotel para chamar todos os “B. Brown” que houvesse na cidade.

Trocou uma nota de vinte dólares em moedas pequenas de valores diversos, dirigiu-se ao telefone, e, de novo, começou a chamar todas as pessoas de nome B. Brown, registradas em São Francisco e nos seus subúrbios. Ao fim de não se sabe quantas chamadas, deu com a residência do Sr. Brown que procurava; mas apenas para que um criado o informasse que o patrão havia ido jantar em casa de tal Sr. Simon, no povoado vizinho, Mill Valley.

Três pessoas com o sobrenome Simon residiam em Mill Valley e Peck chamou as três, perguntando se o Sr. Brown estava. Na terceira chamada lhe disseram que sim, perguntando quem era. Peck deu o nome. Algum tempo se passou e, ouviu-se o que se segue:

-O Sr. Brown disse que não conhece nenhum William H. Beck e, além disso, está jantando e não quer que o importunem, a menos que se trate de um assunto de grande importância.

-Diga-lhe que se trata de algo importantíssimo e que meu nome é William H. Peck e não “Beck”.

-Deck?

-Não, é Peck... PECK... P, E, C, K!... Chame-o e diga-lhe que a sua loja se está incendiando.

Um momento depois, o Sr. Brown atendia sumamente excitado:

-É o chefe de bombeiros? -perguntou em voz entrecortada.

-Não, Senhor Brown, a sua loja não se está queimando, mas tive de dizer isso para obrigá-lo a vir ao telefone. O senhor não me conhece, mas na vitrina da sua loja, em São Francisco, vi um vaso azul que quero comprar urgentemente, antes das seis e quarenta e cinco. Peço-lhe que, imediatamente, venha abrir a loja e vender-me o vaso.

-Com os demônios. Você está debochando de mim, ou supõe que eu esteja louco?

-Não, Sr. Brown, nada disso... Se alguém está louco... este sou eu... Estou louco pelo vaso azul e como tenho de sair hoje da cidade, às sete, quero levá-lo agora mesmo.

-Sabe o Senhor quanto vale aquele vaso?

-Não, nem me importa... Eu o quero, custe o que custar!

-Que horas são?... Deixe-me ver (e depois de um momento de silêncio, enquanto via o relógio): falta um quarto para as sete e o próximo trem para São Francisco não sai antes das sete, eu não poderei chegar aí antes das oito e cinqüenta. Além disso, estou jantando com uns amigos e apenas terminei a sopa.

-Senhor Brown, a mim tudo isso nada importa; esse vaso azul, eu tenho de levá-lo hoje!

-Bem, se o senhor não pode esperar, telefone ao Sr. Herman Joost, meu empregado, que mora no Edifício Shilton; o número do seu telefone é Prospect 3249; diga-lhe, de minha parte, que vá imediatamente abrir a loja e lhe venda o vaso. Adeus.

O Sr. Brown desligou o telefone.

Peck ligou imediatamente para o número dado e chamou pelo Sr. Herman Joost. A mãe deste cavalheiro respondeu manifestando seu pesar pelo fato de o filho não estar em casa, pois tinha ido jantar em um dos clubes da cidade.

-Qual deles? Perguntou Peck.

A boa senhora não sabia, tanto que Peck pediu no escritório do hotel uma lista de todos os clubes de São Francisco e arredores e começou a chamar um por um, por telefone. Eram já oito horas e não havia encontrado ainda o Sr. Joost. Em nenhum clube ele era conhecido.

Estou perdido, murmurou Peck; porém ninguém poderá dizer que não perdi lutando; o único recurso que me resta é quebrar essa vitrina com uma pedra e sair correndo com o vaso azul.

Dito isso, chamou um táxi, disse ao chofer que o esperasse na esquina e lhe pediu emprestado um martelo. Quando chegou à loja, encontrou um polícia parado em frente da porta. À vista disso, Peck continuou o seu caminho sem deter-se.

Mais adiante, atravessou a rua e voltou. Já era noite; e ao passar de novo em frente da loja, observou um letreiro luminoso sobre a porta em que o sobrenome do proprietário não dizia “Brown” e sim “Browne”.

Tomou o táxi e voltou ao hotel. Sendo uma dessas almas que não aceitam a derrota facilmente, tornou a chamar pelo telefone o domicílio do Sr. Joost, Prespect 3249, e pela primeira vez a sorte o favoreceu. O Sr. Joost havia regressado. Peck, com voz ansiosa, informou-lhe o que desejava e também a ordem que havia recebido do Sr. Brown. O cauteloso Joost respondeu que primeiro tinha de falar pelo telefone com o Sr. Brown, para certificar-se da verdade, acrescentando que, se o Sr. Brown confirmasse a ordem, ele estaria na loja antes das nove horas.

Com a impaciência que se deve supor Peck o aguardava. Finalmente, às nove e quinze Joost apareceu, acompanhado de um policial que, por precaução, havia pedido que o acompanhasse. Acendeu as luzes, abriu a porta e com grande cuidado tirou da estante o vaso azul.

-Quanto vale? Perguntou Peck.

-Dois mil dólares, respondeu Joost, tão friamente como se tivesse dito cinquenta centavos.

Peck quis escorar-se sobre o balcão para não cair.

- Dois mil dólares? Exclamou com uma voz e um semblante de desespero. Tinha no bolso dez dólares, apenas. O senhor aceita um cheque?

-Eu não o conheço Senhor Peck, respondeu Joost.

-Onde está o seu telefone?

Joost conduziu Peck ao telefone e este ligou para a casa do Sr. Skinner:

-Sr. Skinner, balbuciou Peck, estou em um terrível apuro e quase exausto; consegui que abrissem a loja, mas o vaso que o Sr. Ricks tanto deseja custa dois mil dólares e eu pensei que custasse uma bagatela.

-Com mil demônios, Peck, tens estado até agora em busca do vaso?

-Sim e estou disposto a levá-lo... Faça o favor de trazer-me aqui na loja do Sr. Brown, Rua Geary perto da Avenida Grunth, os dois mil dólares, porque eu não tenho forças para ir buscá-los.

-Meu querido Peck, replicou o Sr. Skinner compassadamente, não tenho aqui todo esse dinheiro... Essa é uma quantia demasiado grande para se trazer no bolso, ou se guardar em casa.

-Bem, então, tenha a bondade de vir ao centro imediatamente, abrir o escritório e tirar o dinheiro do cofre-forte.

Isso, eu não posso fazer, Peck, porque o cofre tem uma combinação com o relógio, que impossibilita abri-lo antes de certa hora.

-Bem, então venha de qualquer modo, para que me identifique em alguma parte onde possam aceitar o meu cheque pessoal.

-Tem suficientes fundos no banco, Peck?

Isso pôs fim à conversa e Peck telefonou em seguida para a casa do Sr. Ricks, sabendo que ali residia seu genro, o Capitão Peasley. Felizmente o encontrou em casa e Peasley o ouviu com bastante atenção.

-Peck, é quase incrível que te hajam confiado uma missão semelhante, disse o Capitão Peasley. Siga o meu conselho e esqueça-se do vaso azul.

-Não posso, respondeu Peck, o Sr. Ricks sentir-se-á muito contrariado se não lhe entregar o vaso; ele se portou comigo de maneira esplêndida e considero dever imperioso satisfazer a esse seu desejo.

-Mas já é muito tarde, Peck para entregá-lo; ele partiu às oito e já são nove e meia.

-Sei disso, mas se puder obter o vaso, vou entregar-lhe antes que desça do trem, em Santa Bárbara, às seis horas da manhã.

-Como?

-Aqui perto, no aeródromo, tenho um amigo que, com prazer, me levará em seu avião até Santa Bárbara.

-Estás louco?

-Pode ser, porém faça-me o favor de emprestar-me dois mil dólares.

-Para que?

-Para comprar o vaso azul.

-Agora já não resta a menor dúvida de que estejas louco. Quando o Sr. Ricks souber que pagastes dois mil dólares por este vaso, dar-te-á um tiro.

-Ouça Sr. Peasley, empresta-me ou não os dois mil dólares?

-Não, Peck, vá para casa dormir e esquece-te do maldito vaso.

-Por favor, Sr. Peasley... Do senhor poderão aceitar o cheque, porque o conhecem bem; de mim, não. Ademais, hoje é domingo...

-Bem, interrompeu o Sr. Joost: vamos ficar aqui toda a noite?

Peck, segurando o fone, fitou-o em atitude de desafio e lhe disse:

-Senhor, conhece o valor de um diamante?

-Sim, respondeu Joost.

-Poderá esperar-me aqui até que eu vá ao hotel?

-Sim.

William Peck saiu tão depressa quanto podia. Quarenta minutos após, estava de volta com um anel de platina que tinha um formoso brilhante cercado de safiras.

-Em quanto o senhor avalia este anel?

Joost observou sem dissimular admiração e disse que valeria bem uns dois mil e quinhentos dólares.

-Deixo-o em penhor, respondeu logo Peck. Dê-me um recibo e logo que o senhor desconte o meu cheque, virei reavê-lo.

Quinze minutos depois, com o vaso azul cuidadosamente empacotado, Peck jantava num restaurante. Terminado o jantar, chamou um táxi que à toda velocidade, se dirigiu ao aeródromo. Ali se informou da residência do seu amigo aviador, comunicou-se com ele e, à meia-noite, ambos e o vaso azul se perdiam nas nuvens, rumo ao sul.

Hora e meia mais tarde, aterravam no vale de Salinas perto da Estrada de Ferro. Peck desceu e o aviador voltou para São Francisco.

Peck correu à Estação com um jornal na mão e, poucos minutos depois, quando viu que o trem em que vinha o Capitão Ricks se aproximava, fez do jornal uma tocha e começou a fazer sinais com ela no meio da estrada. O trem parou, o condutor abriu a porta de um dos carros para averiguar o que se passava e Peck entrou no vagão de um salto.

-Quem é você – perguntou o condutor- Por que fez parar o trem?

-Por que tenho urgência de ver um passageiro que aqui viaja na cabine quatro do carro número sete. Eu pago a minha passagem.

-Ah! Um senhor de baixa estatura e de avançada idade, não é verdade? Antes de partir de São Francisco, perguntou-me se não tinha visto um indivíduo com um pacote embaixo do braço.

-Isso mesmo; e esse indivíduo sou eu e aqui trago o pacote que não pude entregá-lo a tempo...Faça o favor de levar-me à sua cabine.

Foi necessário tocar a campainha várias vezes para despertar o Capitão Ricks que, finalmente, abriu a porta vestido com um “robe de chambre”.

-Sou William Peck, Sr. Ricks. Perdoe-me se venho importuná-lo a esta hora, mas tropecei em tantas dificuldades para conseguir o vaso azul, que o senhor tanto queria, que não pude chegar a tempo à estação. O endereço da loja não era o que o senhor me tinha dado; tive de procurar por toda São Francisco e chamar todos os Brown e Browne que moravam lá e nos subúrbios e, além disso foi impossível conseguir num domingo à noite os dois

mil dólares que custava o vaso. Contudo aqui o tem, porque prometi entregar-lhe e o que eu prometo, cumpro.

O Capitão Ricks fitou Peck com os olhos esbugalhados, como se fitasse um louco. Pôs-se a rir, ofereceu-lhe um assento e começou a contar que todas as dificuldades, com que tropeçara, haviam sido forjadas, propositadamente, desde o endereço errado da loja até o preço do vaso, pois que, na realidade, só valia dez dólares.

Ao ouvir isto, Peck quase desmaiou; porém, reanimando-se, exclamou em tom grave e zangado:

-Sr. Ricks, se o senhor não fosse um homem de avançada idade e a quem devo favores, não sei o que lhe faria por essa pilhéria, tão pesada, que me pregou. Com os olhos úmidos de lágrimas, como quem sofre um terrível desengano e sente o coração ferido, continuou:

-Sr. Ricks, eu estou acostumado a cumprir ordens sem discussão, por tolas que pareçam... A cumprir todas as tarefas que me confiam, com pontualidade se possível e, se não, logo que seja possível. Desde muito jovem, incutiram-me lealdade para com meus superiores; porém realmente dói que o meu estimado chefe atual haja querido fazer de mim um palhaço... Abusar de um fiel servidor... De hoje em diante, o senhor pode mandar Skinner, ou quem queira, vender o seu “abeto” pestilento, que tanto trabalho me tem custado para lhe dar saída.

O Capitão Ricks passou carinhosamente a mão pela cabeça de Peck e disse-lhe:

-Meu querido Peck... Bem sei que o que lhe fiz foi cruel, extremamente cruel; porém, tinha de confiar-lhe um posto de tal importância, que necessitava antes submetê-lo à prova para certificar-me de que poderia ocupá-lo. Por isso, confiei-lhe a tarefa mais árdua que dou aos de que necessito para os cargos que requerem homens que nunca se dão por vencidos. Agora lhe faço saber que pelo fato de ter-lhe trazido um vaso que vale dois mil dólares, sairá deste trem com um cargo de dez mil dólares por ano, como gerente de nosso escritório em Shangai.

A surpresa de Peck não foi menor do que havia tido antes, ao ouvir palavras. E Ricks continuou:

-De quinze homens a quem dei como prova a entrega do vaso azul, você é o segundo que saiu vencedor.

-Obrigado, Sr. Ricks, e perdoe-me o que lhe disse. Farei de minha parte todo o possível para desempenhar minha incumbência em Xangai a seu contento.

-Isso bem sei eu, Peck, porém diga-me: não esteve a ponto de abandonar a empresa ao tropeçar com tantas dificuldades, quase impossíveis de resolver?

-Sim, senhor. Tive desejos de me suicidar antes de chamar por telefone quantos Browns e Brownes existem em São Francisco, mas eu não costumo começar uma tarefa e deixá-la a meio, especialmente, desde que, estando enfermo, certa vez, num hospital e havendo quase perdido a esperança de restabelecer-me, um amigo foi ver-me e me disse: William, você não está tão mal como pensa... Vai viver ainda muitos anos. Eu lhe respondi que não acreditava. Esse amigo, olhando-me com um semblante sério acrescentou: William Peck não é daqueles que se dão por vencidos e vai restabelecer-se. Para principiar, sorria. Desde então, o meu lema para tudo o que eu empreendo é: **EU O FAREI!**